

2. A contaminação do lar burguês – Literatura na área de serviço

“A existência burguesa é o regime dos assuntos privados. [...] Feudal e proletário é o deslocamento dos acentos eróticos para o espaço público.”
(Walter Benjamin, *Rua de mão única*)

“Os serviços da casa eram, para nós, janelas para o mundo exterior.”¹³
(Leonore Davidorf, *“Class and Gender in Victorian England”*)

Silvia esfregou um pé no outro para se ver livre da calça mais rapidamente, enquanto o padre lhe passava docemente as mãos sobre os ombros, atraindo-a para si. Ela abandonou os braços ao longo do corpo e sem se mover deixou que ele lhe desabotoasse a blusa, devagar, pálido, quase desfalecido; ele se atrapalhava todo; e de tão nervoso arrancou-lhe a blusa de um safanão, fazendo os botões pularem longe.

Pobre, muito pobre, a moça de 18 anos consegue um trabalho de doméstica na casa de uma família de classe média baixa: o chefe da família, caminhoneiro; sua esposa, uma dona de casa asmática. A cidade não tem livrarias, a escola não tem livros, fora os didáticos; no bairro, nenhuma biblioteca. A moça ajuda a preparar a comida, arruma a casa, passa a roupa. Esta, uma atividade repetitiva e hipnótica, que nem mesmo a companhia do rádio, com suas músicas e anúncios e crônica policial, torna menos aborrecida. Assim, de quando em vez, a moça escapole rapidamente até o guarda-roupas, retira ali de um canto escondido um livro, lê um trecho com olhos vívidos, esconde-o novamente e volta à tabua de passar. Minutos depois a cena se repete, e assim sucessivamente.

O misterioso ritual chama a atenção do caçula da casa, um rapazote quieto, de olhar astuto. Um dia, quando a moça é enviada à mercearia, ele aproveita a oportunidade para furtivamente inspecionar o guarda-roupas. Retira dali o livro proibido e folheia:

¹³ Tradução nossa. No original: “The servants of the house made windows for us unto the outside world.” Cf. STALLYBRASS&WHITE: 1986, 152.

Passou-me as mãos sobre a formas de meus seios e apertou-os com suas mãos sôfregas, encontrando a renda fria do vestido.

A leitura o prende, ele segue. As frases carregadas de intensidade descortinam-lhe todo um novo universo: trata-se não apenas de um mundo ‘adulto’, mas de um mundo ‘adulto’ secreto, silenciado, que ali ganha voz:

Não falavam, mas debaixo da mesa o pezinho dela pisou o do padre. E seu joelho roçou pela batina, a qual o padre foi puxando devagar até suas coxas cabeludas encostarem nas de Silvia. [...] Sentia o saudável e penetrante calor da carne jovem, e sua mão ia subindo até que seus dedos chegaram às cavidades da virilha e acariciaram por entre as pernas da calcinha tudo o que pôde alcançar [...].

O título resume o inusitado, o proibido: *Os padres também amam*. O moço nunca vira algo parecido: nada se lhe assemelhava naquela casa despida de livros (exceção para uma *Bíblia* quase intocada de tão sagrada). O livro parece aquecer-lhe as mãos, e o calor espalha-se-lhe pelo corpo, concentrando-se agradavelmente nos genitais. Naturalmente, o rapazote deliciado esquece o tempo e sua própria condição clandestina, sendo afinal apanhado em flagrante pela empregada, que voltara da rua. Em que pese o susto, a surpresa, ela o repreende com suavidade, entendendo que ganhara um cúmplice de seu prazer secreto. Tacitamente, se estabelece o pacto por meio do qual ele silenciará a respeito perante os pais, e ela lhe fornecerá periodicamente novos títulos igualmente bem temperados. Assim, devorando *A marca do adultério*, *A verdadeira estória de um assassino*, *Fugitivo do sexo*, *De prostituta a Primeira Dama*, *A amante do deputado* e outros que tais, o moço torna-se um leitor contumaz, logo empenhando-se em virar escritor.

O relato acima baseia-se em depoimento do escritor Jorge Miguel Marinho, autor de obras centradas no gênero fantástico. O modo como Marinho rememora sua descoberta da literatura pelas linhas de Adelaide passa ao largo do panegírico: “Eu só li o primeiro livro da minha vida quando tinha 15 anos e foi *Os padres também amam*, da Adelaide Carraro, um romance apelativo, pornográfico, de sacanagem mesmo.”¹⁴ A obra de Carraro seria uma primeira etapa, antes de

¹⁴ Curiosamente, embora o sexo permeie, claro, a trama de *Os padres também amam*, encontramos na obra sobretudo suspense, à medida que a protagonista – Adelaide – vai-se embrenhando numa

passos mais ambiciosos e louváveis: “Comecei com a pornografia de Adelaide Carraro e cheguei à metafísica de Clarice Lispector”, sua autora predileta (caberia indagar se seu percurso metafísico iniciou-se com *A via crucis do corpo...*). O autor prossegue, relembrando de modo ambíguo e até contraditório os préstimos da empregadinha:

Ela me emprestou outros livros e eu *li toda a obra* de Adelaide Carraro. Contudo, como não era uma literatura interessante, foram livros que mataram minha curiosidade mas não ficaram na minha história de leitura. [...] Comecei a ler literatura muito discutível do ponto de vista literário e isso mostra que as pessoas devem ler tudo o que cair nas mãos, não importa o quê.¹⁵

Como se vê, a moça o contamina de literatura da mesma forma como, noutra época, outra empregada contaminara Emma Bovary, secretamente, com histórias de “*amour, amants, amantes*”. É de causar espécie, sem dúvida, que uma literatura *não interessante* possa ser consumida com tanta avidez, assiduidade, em suma, com tanto... interesse. Tampouco é crível a afirmação de que as obras de Carraro “não ficaram na minha história de leitura”, tendo em vista que, em mais de uma entrevista, o escritor dedica espaço apreciável à recordação de como sua história de leitura teve início justamente com esses textos. Põe-se em evidência, isto sim, que o discurso do autor reproduz a escala de valores convencional, segundo a qual são menos nobres, portanto menos respeitáveis, consideráveis etc. as obras que nos causam prazer e sobretudo prazer. Sendo mais específicos: corresponderia às obras cujo efeito sobre os leitores e leitoras concentra-se na parte baixa do corpo a região mais baixa da hierarquia cultural. Há, sem dúvida, algo de leviano, de traiçoeiro, nesse comportamento do amante arrependido, que desdenha de sua companheira após noites de prazer. Prazer inaugural, revelador, explicitado quando o autor descreve seu contato com *Os padres também amam*: “Na primeira oportunidade, peguei a obra e li como quem come eroticamente um chocolate pela primeira vez.”

rede de exploração de menores comandada por um pároco *infernal*. Demais, vale registrar a ‘nota de advertência’ que abre a 9ª edição, a qual talvez tenha contribuído para atrair o leitor adolescente: “Este livro só deve ser lido por leitores adultos e de espírito sadio: sob nenhum pretexto deve ser posto na mão de menores”.

¹⁵ ARANHA, Adriana e SILVEIRA, Marici. “Entrevista com Jorge Miguel Marinho”, http://revistaetcetera.com.br/old/01/litera/entr_jorge1.htm (acesso em 28/11/2005).

(Seria, talvez, o livro em questão uma espécie de *madeleine* que, ao contato com o calor das mãos, abre não o passado, mas o porvir?)

Não faltam relatos, aqui e alhures, sobre descobertas que se produzem no contato entre classes dominantes e classes subalternas, sobretudo quando facultado pela convivência doméstica.¹⁶ Sobretudo, portanto, no caso da convivência entre as empregadas e seus patrões. Descoberta dos prazeres latentes no corpo: “Na família burguesa do século XIX, era comumente a empregada, e não a mãe, quem desempenhava as ‘funções íntimas’” (“In the nineteenth-century bourgeois family, it was commonly the maid not the mother, who performed the ‘intimate functions’”) como banhar, limpar, ninar, vestir – anotam Stallybrass & White (1986, 158), e podemos supor que a afirmação ainda tem bastante valia no que diz respeito, por exemplo, às classes dominantes brasileiras. Descoberta de práticas sexuais mais livres e desimpedidas, isto é, menos confinadas ao jogo de aparências próprio da vida burguesa, em que os indivíduos se empenham em ‘manter a postura’ perante seus pares (e também diante dos subalternos), com a dose de dissimulação correspondente; por fim, mas de modo algum menos importante, descoberta da divisão da sociedade em classes, e da mediação do dinheiro nas relações sociais: a empregada-babá, ‘quase’ parte da família, está ali a trabalho – seus cuidados, sua atenção, suas brincadeiras com os pequenos, tudo isso integra um *pacote de serviços*, por assim dizer, oferecido evidentemente em troca de remuneração. A babá é uma espécie de mãe remunerada (não caberia nutrir, em relação a ela, a fantasia de um amor desinteressado), e dessa remuneração extrai sua subsistência: o salário é a marca, pois, de sua origem, de sua posição na escala social. O termo *posição*, no que refere à empregada, sugere outras considerações, que retomaremos adiante. De quatro, esfregando o chão ou limpando a privada, agachada recolhendo o lixo, em uniforme de serviçal ou em trajes surrados de fazer faxina, cheirando a comida ou a desinfetante, a empregada oferece a perfeita antítese do patrão ou patroa, estes eretos, bem postos e bem vestidos, recendendo a lavanda, impolutamente apartados da sujeira e do lixo, de tudo o que *não presta*. Antítese em que ambos, ela e eles, se definem.¹⁷

¹⁶ Claro está, o exemplo de Marinho não inclui uma classe abastada: em todo caso, a hierarquia patrão-empregada está claramente delimitada, no relato.

¹⁷ Para Carlos Figari e Maria Elvira Diaz-Benítez, “O outro subalterno não só é formulado em termos repressivos/proibitivos, isto é, aquilo que não se deve ou não se pode, mas basicamente

A presença da empregada no lar burguês descortina, em suma, um conjunto multifacetado de elementos propiciando sensações diversas, emoções diversas, mas fundamentalmente atração e repulsa em elevada intensidade.

No caso específico do Brasil, esse embate de corpos é não só inescapável para a compreensão de nossa moral sexual, mas indissociável de nossa própria formação como povo. Afinal, os primeiros contingentes do que viria a ser população brasileira formaram-se, como se sabe, de cópulas em profusão de aventureiros portugueses com nativas, e logo com escravas trazidas da África (consta que um único português teria sido responsável pela constituição do primeiro aglomerado humano que formaria a cidade de São Paulo). Cópulas as quais, em que pese a intensidade gozosa presumivelmente elevada, eram tudo menos a tradução de relações igualitárias ou quando menos equilibradas do ponto de vista do poder.

A disposição mesma da casa-grande colonial, descrita por Gilberto Freyre, reflete uma clara tensão sexual, com o quarto da sinhazinha voltado para o interior e próximo ao quarto dos pais – sistema de proteção e vigilância fundado no intuito de apartá-la do convívio com os escravos e dos riscos correspondentes. Se os relatos dando conta de uma profusão de encontros sexuais entre escravos e sinhás parecem a Freyre exagerados, em vista desse sistema de vigilância em horário integral que se completava pela companhia de uma mucama, não se ignora a frequência – marcante para a cultura e a sociedade brasileiras – de enlances entre sinhozinhos ou senhores de engenho com suas escravas. Forma-se assim um curioso esquema-padrão, em que a jovem branca, mantida virgem para bom casamento, é exposta a um convívio bastante íntimo com um moça negra de idade semelhante, possuindo esta razoável experiência para contar, de práticas sexuais mantidas com padrões e/ ou companheiros de Senzala; esquema que faz circular o desejo através de fronteiras de classe, e do qual fica em princípio excluída a senhora, praticamente condenada à histeria.

como gênese da alteridade sobre a qual repousa minha própria gênese. Necessito de um outro que afirme minha existência na negação da sua própria. Meu duplo não é um outro *per se*, mas sim meu reflexo. Só posso enxergar-me no outro diferente. Em sua/minha repressão, eu o crio. Não está fora de mim, porque constitui *meu exterior constitutivo*.” (*Prazeres dissidentes*, Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 22, grifo nosso).

O arranjo paulatinamente se dilui e se transforma até nossos dias, com a mucama sendo substituída pela empregada doméstica e pela prostituta no facultamento de iniciação sexual aos homens da classe patronal – esta, já não mais escravista no sentido estrito –, até sua virtual aniquilação, trazida pela liberação sexual das ex-sinhás e ex-senhoras. Deixou, porém, na literatura brasileira uma marca indelével, traduzida em momentos de elevado lirismo. Vejamos alguns exemplos. Carlos Drummond de Andrade, que em poema célebre já exaltara parte das bucólicas delícias proporcionadas pela classe serviçal (“Café preto como a preta velha / Café gostoso / Café bom”), descreve com igual doçura o tradicional *rito de passagem*:

A rede entre duas mangueiras
 balançava no mundo profundo.
 O dia era quente, sem vento.
 O sol lá em cima,
 as folhas no meio,
 o dia era quente.
 E como eu não tinha nada que fazer vivia
 Namorando as pernas morenas da lavadeira.
 Um dia ela veio para a rede,
 se enroscou nos meus braços,
 me deu um abraço,
 me deu as maminhas,
 que eram só minhas.
 A rede virou,
 o mundo afundou.

Depois fui para a cama
 febre 40 graus febre.
 Uma lavadeira imensa, com duas tetas imensas,
 girava no espaço verde.

(“*Iniciação amorosa*”, In *Alguma poesia*)

Uma moça sem nome, referida pela tarefa que desempenha, aninha-se sem mais na rede onde descansa o filho do patrão, dedicado ao ócio como compete à classe dominante luso-brasileira. Ele não lhe fizera a corte, não se esforçara por seduzi-la e menos ainda lançara-lhe promessas, mas ela decerto percebera os olhares que ‘namoravam-lhe as pernas’, e agora se mostra subitamente disponível para o sexo. Tudo muito diverso das regras que regem o enamoramento entre os pares da classe senhorial: tudo mais direto, mais quente, mais físico. O resultado é o delírio febril do garoto púbere, assaltado pelo prazer.

Em versos publicados postumamente, o poeta relembra com intensidade erótica ainda mais elevada um *fellatio* que, entre outros efeitos extraordinários, altera o passar do tempo, fazendo entrecruzar-se passado e futuro, e põe de cabeça para baixo o mundo e as relações sociais que nele subsistem: “Nem era preito de escrava / enrodilhada na sombra, / mas presente de rainha” (*Era manhã de setembro*).

Em *Angústia*, de Graciliano Ramos, Luís da Silva embriaga-se com os cheiros e odores que lhe chegam do quintal, espaço de intimidade coletiva, onde subitamente desponta, metida num quase-nada de vestido, a “franguinha” Marina, filha da vizinha, D. Adélia:

[...] Os sentidos irritados percebiam tudo. O chap-chap da mulher [que lavava garrafas], o rumor do líquido, pregões de vendedores ambulantes, rolar de automóveis, a correria dos filhos de D. Rosália no quintal próximo, o cheiro das flores, dos monturos, da água estagnada, da carne de Marina, entravam-me no corpo violentamente.

E sucumbe, após rápido diálogo, retirando do caminho as demarcações de limite:

Desloquei as estacas podres, puxei Marina para junto de mim, abracei-a, beijei-lhe a boca, o colo. Enquanto fazia isto, as minhas mãos percorriam-lhe o corpo. Quando nos separamos, ficamos comendo-nos com os olhos, tremendo. Tudo em redor girava. E Marina estava tão perturbada que se esqueceu de recolher um peito que havia escapado da roupa. Eu queria mordê-lo e receava ao mesmo tempo que D. Adélia nos surpreendesse, encontrasse a filha descomposta.¹⁸

No engenho de Zé Lins, é com beleza que o autor rememora o namoro, se de namoro podemos chamar o amigamento infantil de menino e menina, com a prima Maria Clara (e não seria *prima* quase um título nobiliárquico, na hierarquia do Brasil semi-feudal?), de quem num ímpeto de ousadia chega a roubar um beijo na boca (“Corri como um doido para casa, com o coração batendo”). O idílio com a prima não apenas se mantém casto, como castos – e portanto perfeitamente obedientes ao socialmente prescrito – se mantêm todas as atitudes e pensamentos do menino para com ela, chegando ele a ‘defendê-la’ da visão de animais

¹⁸ RAMOS, Graciliano. *Angústia*. São Paulo: Biblioteca da Folha, 2003 [1936].

copulando: “Tirei a minha namorada dali. Aquilo era porcaria para os seus olhos limpinhos. E o meu amor crescia, dilatava o meu verde coração de menino”.

A história é bem diferente com a negra Luísa – aqui o nome próprio também se faz acompanhar sempre de outro vocábulo, no caso um adjetivo que marca posição social diametralmente oposta à da prima. A castidade, neste caso, não tem lugar:

A negra Luísa fizera-se de comparsa de minhas depravações antecipadas. Ao contrário das outras, que nos respeitavam seriamente, ela seria uma espécie de anjo mau da minha infância. Ia me botar para dormir, e enquanto ficávamos sozinhos no quarto, arrastava-me para coisas ignóbeis. [...] A moleca me iniciava, naquele verdor da idade, nas suas concupiscências de mulata incendiada de luxúria. Nem sei contar o que ela fazia comigo. Levava-me para os banhos da beira do rio, sujando minha castidade de criança com seus arrebatamentos de besta. (RÊGO: 1969 [1932], 102)

Adiante, porém, o autor abandona a retórica condenatória vizinha à hipocrisia, e relembra assim o estado de obsessão em que lhe deixaram, à época, aqueles deleites precoces: “Só pensava nos meus retiros lúbricos com o meu anjo mau, nas masturbações gostosas com a negra Luísa.”

Noutras memórias, as reminiscências berlinenses de Walter Benjamin, a *loggia*, ou pátio dos fundos, onde as criadas estendiam e batiam tapetes, é lembrada como um dos aposentos mais importantes da casa,

[...] ou porque, modestamente mobiliada, não era muito apreciada pelos adultos, ou porque nela chegava já abafado o barulho da rua, ou porque me facultava a visão das casas vizinhas com porteiros, crianças e tocadores de realejo. (BENJAMIN: 2000, 96-97)

O pátio dos fundos, portanto, área de trabalho das subalternas, desabitado de outros adultos: é uma passagem, uma abertura para o mundo exterior, para o abafado barulho da rua, ou seja, para fora do enclausuramento do lar burguês. “Nesse bairro de proprietários, permaneci encerrado sem saber da existência dos outros” (IDEM, 125), narra o autor, para a seguir descrever um ato de sabotagem mais decisivo, para sua libertação, do que as incursões pela *loggia* – sua fuga pelos labirintos do comércio sexual: “Não havia dúvida de que o sentimento – infelizmente, ilusório – de abjurar minha mãe, sua classe e a minha era o

responsável pela atração de me dirigir a uma prostituta em plena rua.” (IDEM, 126)

O conjunto empregada-prostituta, e sua correspondente *força de desordem*, torna-se mais nítido e completo na análise que Deleuze e Guattari fazem da função das mulheres na literatura de Franz Kafka (em capítulo intitulado “*Os conectores*”). Tema, aliás, que valeria livros inteiros. Os autores registram a censura lançada a K pelo padre de *O processo*: “Você procura muito a ajuda dos outros, e sobretudo a das mulheres.” Que mulheres são essas? E que ajuda fornecem, ou que função desempenham? Deleuze e Guattari observam que as mulheres, em Kafka, formam uma *combinação sonhada*:

São em parte irmãs, em parte empregadas, em parte prostitutas. São anticonjugais e antifamiliares. [...] Qualidades menores de personagens menores, no projeto de uma literatura que se quer deliberadamente menor, e daí tira sua força de desordem. (DELEUZE&GUATTARI: 1975, 117)

Nessa leitura, cada uma delas corresponderia a uma *linha de fuga*: as irmãs fariam fugir, escorrer, escapar a máquina familiar; as empregadas, a máquina burocrática; e as prostitutas, “no cruzamento de todas as máquinas, familiar, conjugal, burocrática”, as fariam todas fugir, descarrilhar.

Em suas amorosas lembranças, Benjamin não deixa de notar um detalhe, ao descrever um parque de sua infância: “[...] a babá que atrás, do carrinho, lia docilmente sua novela e, quase sem erguer os olhos, mantinha o pequeno sob vigilância”. (BENJAMIN: *op. cit.*, 112) Novamente a babá lendo, dividindo-se entre suas obrigações cacetes e o prazer de uma leitura absorvente. E o que lêem as babás? Por vezes – não poucas, talvez –, livros *pecaminosos*, supostamente capazes de *desencaminhar* um jovem ou uma jovem de *boa família* e *boa índole*. Cada época produz os seus. No clássico *Fragmento da análise de um caso de histeria (O caso Dora)*, Sigmund Freud menciona *Psychopatia Sexualis*, de Krafft-Ebing, e *Fisiologia do amor*, de Mantegazza (aliás, citado em mais de uma epígrafe do livro de estréia de Adelaide) – considerando a leitura deste a provável fonte da excitação imaginativa da jovem histérica. E como esse gênero de leitura caía nas mãos de Dora, filha de “um grande industrial com situação econômica bastante cômoda”? Uma nota de rodapé aponta para a governanta, “uma moça solteira e mais velha, muito lida e de opiniões

avançadas”, com quem Dora se dera “esplendidamente”, até com ela se desentender e exigir sua demissão:

Essa governanta costumava ler toda sorte de livros sobre a vida sexual e assuntos semelhantes e conversava com a moça sobre eles, mas pedira-lhe muito francamente que guardasse segredo de tudo o que se relacionava com isso perante seus pais, pois nunca se poderia saber que ponto de vista eles adotariam a respeito. Durante algum tempo considerei essa mulher a fonte de todo o conhecimento secreto de Dora, e talvez não estivesse totalmente enganado. (FREUD: 2001, 42)

Novamente – como no caso de Jorge Miguel Marinho, a faxineira e o livro de Adelaide – a empregada como fonte do conhecimento secreto do rebento da classe dominante, e a transmissão de saber se dando sob a égide de um pacto secreto, subterrâneo, clandestino.

As empregadas como *conectores* (para usar a linguagem deleuzo-guattariana), *passagens* (termo caro a Benjamin), como fonte – secreta – de conhecimento desestabilizador, as empregadas aparecem mais de uma vez nos textos de Freud. O que não é, evidentemente, casual, visto terem sido elas, por muito tempo, a fonte primeira e praticamente exclusiva de contato íntimo para as crianças da classe dominante, como dissemos anteriormente.¹⁹ O “Homem dos ratos”, por exemplo, recorda-se de Fräulein Peter, que cuidara dele na idade de 4-5 anos, e que lhe permitia meter-se debaixo de suas saias e tocar-lhe os genitais; esta seria logo substituída por Fräulein Lina, a qual lhe facultava um prazer mais singular, o de espremer-lhe os furúnculos do traseiro – rito noturno pelo qual o garotinho aguardava em espera expectante. O “Homem dos lobos”, por sua vez, desenvolve verdadeira obsessão por criadas, apaixonando-se sucessivamente por essas mulheres “cuja educação e inteligência estavam necessariamente muito abaixo da sua”. Certa vez,

Ele estava passando pela aldeia que fazia parte do que viria ser a granja da família quando viu uma camponesa ajoelhada à beira do açude, lavando roupa. Apaixonou-se pela moça instantaneamente e com irresistível violência, embora

¹⁹ Com efeito, Stallybrass & White anotam (*op. cit.*, 152): “É impressionante como os pacientes de Freud, como também Benjamin, retornam a suas babás tão obsessivamente quanto a seus pais” (“It’s striking how Freud’s patients, like Benjamin, return as obsessively to their nurses as to their parents”).

não tivesse podido ainda nem sequer dar um olhar rápido ao seu rosto. (FREUD: 2003, 99)

Anos antes, ao surpreender uma criada sozinha, “[...] ajoelhada no chão, a esfregá-lo, com uma balde e uma escova a seu lado”, deixara-se igualmente “subjugar pelo amor”. Para Freud, esses acontecimentos remetem a uma cena da primeira infância, em que o paciente se urinara ao ver Grusha, sua babá, varrendo o chão – cena esta, que por sua vez, ocuparia o lugar da cena primária, em que presenciara seus pais copulando *a tergo*, isto é, estando a mãe sobre quatro apoios:

Quando viu a moça empenhada em esfregar o chão, ajoelhada, com as nádegas projetando-se e as costas em posição horizontal, deparava-se outra vez com a postura que a mãe havia assumido na cena da cópula. (IDEM, 98-99)

Sugestivamente, Peter Stallybrass & Allon White observam que, em sua interpretação, Freud minimiza a importância da babá, por si mesma, ao destacar o valor da cena familiar:

Grusha (o objeto ‘sujo’) será considerada na medida em que remete ao romance familiar. Freud, noutras palavras, brilhantemente imagina a divisão do sujeito, mas em seguida procede de modo a suprimir o domínio social através do qual essa divisão se articula. Assim, a diminuição física da empregada é deslocada pela cena excepcional de ‘animalidade’ burguesa. (STALLYBRASS&WHITE: *op. cit.*, 153)²⁰

Afinal, a imagem de uma moça ajoelhada no chão, com as nádegas projetadas para o alto, não seria suficiente, por si só, para despertar desejo no observador? Esse desejo não teria sua própria história, independentemente de remeter a outros desejos, outras cenas (independentemente de remeter, por

²⁰ Tradução nossa. No original: “Grusha (the ‘dirty’ object) will be considered as long as she leads back to the family romance. Freud, in other words, brilliantly imagines the splitting of the subject, but then he proceeds to suppress the social terrain through which that splitting is articulated. [...] Hence, the physical debasement of the maid is displaced by the exceptional scene of bourgeois ‘animality’”.

exemplo, à porta entreaberta do quarto dos pais)? Deve ele ser ignorado pelo fato de ter por objeto uma serviçal – pois isso seria, senão inconcebível, perturbador?

Mais interessante é identificar, como o fazem os autores, a ocorrência desse tipo de deslocamento no tratamento que o pai da psicanálise dispensa a suas próprias lembranças, registradas em cartas a W. Fliess. Assim, por exemplo, justo nas semanas em que se debruçava sobre a formulação do Complexo de Édipo, Freud sonha não com sua mãe, mas com a babá de origem tcheca que cuidara dele nos primeiros dois anos e meio de vida. Uma senhora *feia mas esperta*, segundo suas lembranças, que teria sido sua professora em matéria sexual, deixando fortes recordações – antes de ser demitida, como a governanta de Dora, e presa sob acusação de roubo. Ora, ao interpretar os sonhos em que a babá lhe aparece, Freud a substitui, seja por si mesmo ou por sua mãe, elidindo a figura da babá e o desejo correspondente. Assim, a atração pela mãe, que o autor identifica como uma ocorrência universal, em que pese a perturbadora carga incestuosa, ao menos mantém o desejo circulando em família, respeitando os contornos sociais reconhecidos, e não ultrapassando-os – o que implicaria, ao menos potencialmente, ultrapassar, *pari passu*, as fronteiras entre alta e baixa cultura, entre o belo e o feio, entre o limpo e o sujo. Tabus à parte, a mãe é educada, e bela, e bem-vestida e bem composta: ela é burguesa. A empregada, por outro lado, poderia remeter o psicanalista à sua própria condição de trabalhador liberal, o qual, como ela, oferece ajuda em troca de pagamento. E que pode igualmente ser demitido – como Freud fôra demitido pela jovem Dora, a qual deixara de procurar seus serviços, deixando-o não com uma análise inteira, mas com um fragmento.

Nas interpretações que Freud fez das lembranças do “Homem dos Lobos” e das suas próprias, como Satllybrass & White sintetizam:

O círculo familiar foi isolado não apenas da empregada, mas da possibilidade de *transformação cultural*: a ordem simbólica foi situada no mundo simbólico da natureza, não no mundo histórico da luta de classes. (IDEM, 164)²¹

²¹ No original: “[...] The family circle was closed off not only from the maid but from the possibility of *cultural transformation*: the symbolic order was placed in the immutable world of nature, not in the historical work of class struggle.” (p.164, grifo nosso)

Não será dessa ordem de problemas a graciosa dificuldade com que José Lins relembra a negra Luísa, *anjo mau* de sua infância, *luxuriosa mulata* que o obsedara por meio de gostosas masturbações? Ou ainda a contradição de José Miguel Marinho, que dispensa à literatura de Adelaide Carraro adjetivos pouco lisonjeiros (*discutível; não interessante; sacanagem*), ao tempo em que, ademais de se citá-la reiteradas vezes: 1) atribui-lhe sua descoberta da literatura; 2) admite que leu de enfiada toda a sua obra; 3) descreve o primeiro contato como o deleite erótico com o primeiro chocolate?

A infidelidade, por sinal, é mais difundida do que poderíamos supor: Adelaide, de sua parte, menciona Carolina de Jesus, a favelada, em mais de uma entrevista, mas nas epígrafes de seus livros prefere citar Mategazza (como vimos), Herder, Camilo Castelo Branco, Schopenhauer e... Adelaide Carraro. Em sentido oposto, temos o professor de sociologia que se anuncia redentor, tolerante, até gentil, mas que cedo se revela um algoz impiedoso, embora desajeitado. Este seria o caso – para ficarmos numa imagética erótica – não do amante que cospe no prato em que comeu em se lambuzou, mas daquele que desdenha do que mal chegou a provar.

Seguindo a trilha sugerida pelo depoimento de Marinho, falamos aqui de uma literatura de empregada. Não se trata de pretender utilizar o termo com precisão sociológica, baseando-se em algum censo, em algum estudo sobre a recepção dessas obras – de resto, não temos conhecimento de que isso tenha sido feito. Podemos, no entanto, facilmente supor que obras consumidas por milhões de leitores, no Brasil, sejam obras que caíram no gosto das classes subalternas. Ilustram-no, tanto o relato de Marinho sobre seu primeiro encontro com a literatura, como a observação de Waldenyr Caldas a respeito do fácil acesso das “classes semiletradas da sociedade” às obras de Cassandra e de Adelaide; ilustram-no, ainda, cartas reproduzidas no livro *Escritora maldita?*, de Adelaide – embora não possamos confiar plenamente na autenticidade de uma coletânea de depoimentos atribuídos a leitores assinada pela própria autora. Seria, no entanto, mais difícil dividir o leitorado de ambas por sexos, tendo em vista que a sua é uma literatura que quem lê não necessariamente o admite. O que não nos impede, contudo, de seguir conjecturando: se, como afirma Pina Coco, “[...] todos liam os folhetins, mas o público a que se destina [o folhetim], explicitamente, são essas

mulheres” (COCO: 1990, 89), o público dessa metamorfose do folhetim que é o romance popular será composto, basicamente por “essas mulheres”, sendo que “essas mulheres”, na medida em que significam população com menos acesso à educação letrada, serão, na segunda metade do século XX, aquelas pertencentes às classes subalternas.

Poderíamos falar em literatura de empregada para iluminar o fato de esses escritos, que se querem *colados à realidade* ([Meus personagens] transitam pelas mesmas ruas, sofrem os mesmos problemas cotidianos que a pessoa comum sofre”, dirá Cassandra) darem voz a protagonistas, mulheres em sua maioria, pertencentes à classe trabalhadora, transitando algumas delas no circuito asilo – sanatório – prostíbulo, trabalhando em pequenos escritórios (como Anastácia, “simples funcionária de medíocre firma” e sua colega Marcella, *call-girl* nas horas vagas; como Débora, de *Tessa, a gata*, todas personagens de Cassandra – que, aliás, trabalhou como secretária num escritório de advocacia) ou desempregadas buscando uma oportunidade na cidade grande, alimentando sonhos de Cinderela e vivendo às voltas com preocupações financeiras, às voltas com dívidas e contas a pagar.

Fala-se amiúde não apenas de sexo mas também de dinheiro nesses romances: dinheiro que se deve, dinheiro que se recebe ou precisa receber: “Cinquenta cruzeiros a mais. Eduardo pagara dois mil e trezentos cruzeiros e seu pai pagara dois mil trezentos e cinquenta cruzeiros”, contabiliza Marcellina, de Cassandra, após os primeiros programas, orgulhosa de seu tino para negócios: “Eu tinha visão para homens que podiam pagar”. “Vamos descontar a champanhe, as flores e o quarto. Tudo soma mil e quinhentos. Desses quinhentos vamos descontar duzentos da diária, casa e comida e dormida. Sobraram trezentos. Tome, guarde-os. Cuidado, hein. Não vá deixá-los em qualquer lugar”, explica a cafetina a Maria Aparecida, personagem de Adelaide, que vê nessa aritmética voar para longe seu sonho de se libertar da exploração sexual. Após descontar o cheque que recebera de Anastácia (“[ela] pagara cinco mil cruzeiros por um beijo”), Marcellina se sente aliviada: “Agora poderia pôr em dia alguns compromissos, pagar o telefone, a Light e o gás, pois já recebera aviso de corte por atraso de três meses nos pagamentos”. A companhia de eletricidade, por sinal, é mencionada – de modo nunca lisonjeiro – em mais de um romance de Cassandra: “As luzes se

apagaram de repente, sem aviso. A Light deveria ser mais eficiente e telefonar aos seus consumidores cada vez que fosse desligar a energia nos bairros” (LINA, 94); “Eu não comia, eu não dormia, não saía. A Light cortara a luz e eu usei velas que achei numa gaveta” (ELLA, 118). A autora menciona também INPS, caderneta de poupança, TELESP, SABESP.²²

No prefácio de *O castrado*, Adelaide dirige ao leitor estas palavras: “Sei que você compra um livro com grande sacrifício, pois eles não estão lá muito baratos, mas pode estar certo que eu o escrevi o melhor possível” (CAS, 10). Tácito reconhecimento, não apenas de que seu leitor ou leitora não pertence à classe dominante (consumidora preferencial de livros de ficção, no Brasil), mas também de que o livro é uma mercadoria, aspecto da produção literária que, embora evidente, costuma ser desprezado e omitido – *noblesse oblige* – por autores ‘sérios’.

Fala-se, nesses romances, da poluição de São Paulo, dos buracos da cidade, e o enamoramento pode coincidir com uma oferta de emprego: “Maria não voltou para a roça. Ela ainda não sabia porque. Mas de uma coisa estava certa, não poderia mais ficar longe do General. Queria ser sua empregada para sempre” (PPD, 171). Fala-se, ademais, do ambiente repressivo (Adelaide: “São Paulo viveu como um braseiro neste tempo”; Cassandra: “São Paulo foi palco de muitas tragédias, de muito sofrimento e humilhações para os homossexuais”), do medo da polícia, com sua brutal diligência na defesa dos ‘bons costumes’: a *viúva-alegre* que aprisiona os casais de namorados (Cassandra); o *tintureiro* que aporrinha as profissionais do sexo (Adelaide). E surge amiúde a força perturbadora de palavras acusatórias, estigmatizantes: *lésbica, prostituta...* capazes de mergulhar a destinatária (ou a remetente) tanto na revolta como na sensação de desamparo:

E dentro dela a palavra foi crescendo e doendo, numa dor lancinante, numa dor de punhais se cravando, fazendo morrer os gritos que pulavam de sua garganta sufocados por suas mãos geladas, que tremiam debaixo daquele escaldante sol que queimava sem piedade a cidade cinzenta poluída, e barulhenta, que agora lhe

²² TELESP e SABESP: respectivamente, empresa de telefonia (privatizada em 1998) e companhia de saneamento básico do Estado de São Paulo. A Light, por sua vez, foi a empresa de distribuição de energia elétrica (depois tornada Eletropaulo), eternizada nos versos de Adoniran Barbosa (*Luz da Light*): “Lá no morro quando a luz da Light pifa / A gente apela pra vela que alumeia também”.

pareciam uma monstruosa aranha negra que com suas patas visguentas apertava sem piedade os fracos, os humildes, os pobres e as crianças desamparadas, as moças ingênuas, vindas de todas as partes do Brasil, esmagando sem piedade suas ilusões, reduzindo-as em uma pasta sangrenta que esborrifava tristeza para todos os lados. Prostituta.

(PPD, 120)

Eu não passava de uma puta. Uma prostituta que descia até o fundo, o mais fundo, ia nadar na lama, chafurdar-me na lama.

(LINA, 16)

Mordi com raiva a palavra: prostitutas!

(ESL, 115)

Era ela, uma lésbica. Uma homossexual com sérios distúrbios mentais.

(EUD, 20)

Há, porém, momentos de bonança. Recém-empregada, Anastácia corre para comprar um novo par de sapatos; mais tarde recebe uma *bolada* de herança e exulta: “Conta no Banco do Brasil! Trataram-me como se eu fosse realmente uma madame”, e cuida então de fazer-se servir por Marcella, que a despreza. Anastácia, que fora ‘eminência parda’ de *Marcellina* e protagonista de um romance que no entanto leva o nome de *Marcella*, sua obsessão, é afinal promovida a protagonista-narradora de um romance que tem seu nome, e o abre recapitulando:

Já não era mais simples funcionária de medíocre firma. Estava rica. Papai me deixara bens. [...] Muito dinheiro no Banco do Brasil, na Caixa Econômica, Cadernetas de Poupança, investimentos multiplicando meu saldo bancário mês-a-mês. (ANA, 9)

Muito dinheiro e... sapatos:

Na sapateira, muitos pares de botas e de sapatos novos, mas aquele par que eu escondia envergonhada, puxando os pés sob a escrivaninha, lá no escritório, para Marcella não reparar o quanto estavam surrados, também estavam lá, guardados como uma lembrança do tempo em que eu andava feito uma pobre infeliz sem eira nem beira, fazendo economia e trabalhando para sobreviver. (IDEM, 10)

No início de *Eu e o governador*, vemos que a protagonista Adelaide bronzeia-se ao sol escaldante de Copacabana, imersa em seus pensamentos, quando é despertada por Dora, “babá de minha amiga Vera”, que, junto ao suco que trazia-lhe à praia todo dia à onze horas, entrega-lhe desta vez um telegrama fatal – aquele que dará fim à sua ensolarada boa-vida e a levará de volta a São Paulo, para um périplo suado em busca de uma vaga no serviço público. Adiante, recorda-se de Dora com uma afetuosa manifestação de preconceito racial muito brasileira:

Coitadinha! Por onde andarás agora? Depois de seis anos sem vê-la, parece-me está ainda ao meu lado, com aquele sorriso enfeitado de dentes alvos. Era uma preta que por todo o semblante desprendia a alvura de uma alma branca. (GOV, 12)

Poderíamos falar em literatura de empregada afinando-nos com Antonio Candido, para quem:

Uma das coisas mais importantes da ficção literária é a possibilidade de ‘dar voz’, de mostrar em pé de igualdade os indivíduos de todas as classes e grupos, permitindo aos excluídos exprimirem o teor de sua humanidade, que de outro modo não poderia ser verificada.²³

Ou ainda considerando o levantamento estatístico coordenado por Regina Dalcastagnè, da Universidade de Brasília, que mostra que, dentre os romances publicados pelas principais editoras brasileiras da área nos últimos 15 anos, “as autoras não chegam a 30% do total de escritores editados” e que: “[...] menos de 40% das personagens são do sexo feminino. Além de serem minoritárias nos romances, as mulheres também têm menos acesso à ‘voz’, isto é, à posição de narradoras, e estão menos presentes como protagonistas das histórias.”²⁴

Mas falamos aqui em literatura de empregada, referindo-nos àquilo que escreveram Cassandra e Adelaide, não para reivindicar uma inclusão de excluídos, não para ampliar a amável categoria do ‘testemunho’ com estas obras ficcionais

²³ CANDIDO, Antonio. “*Na noite enxovalhada*”, 1996, In ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*, São Paulo: Cosacnaify, 2009 [1963], p. 11.

²⁴ DALCASTAGÉ, Regina. “*A construção do feminino no romance brasileiro contemporâneo*”. Cf. www.crimic.paris-sorbonne.fr/actes/vf/dalcastagne.pdf (acesso em 16/03/2010).

(portanto, não se trata de um intento de acolher a “[...] luta da mulher subalterna pela expressão”²⁵). Não nos parece, ademais, que esses textos de fato *precisem* de algum lugar que já não tenham ocupado, devorados que foram por milhares de leitores, ao longo de décadas, em país massivamente ágrafo como ainda hoje é o Brasil. É sobretudo a *indocilidade* (a lida com temas explosivos, a sua malícia, as contradições que enunciam e provocam) destes projetos literários que nos desperta interesse. O misto de conforto e confronto que ofertam. E os chamamos assim, literatura de empregada, seguindo a sugestão da cena em que uma jovem diarista contamina de literatura, uma literatura intumescida, encharcada de gozo, a casa de seus patrões. Uma literatura que proporciona prazer sexual, desde que se lhe pague: como fazem as prostitutas com seus clientes ou, mais secretamente (não vá ninguém sabê-lo...) algumas babás com seus patrõeszinhos. Trata-se, pois, de uma literatura de empregada que é também uma literatura-prostituta. Sexo e dinheiro, assim entrelaçados, dando a ver algo um tanto o quanto desavergonhado se comparado ao amor de mãe por pai, o qual, para bem do sossego burguês, haveremos sempre de crer impoluto e desinteressado, ou se comparado ao amor igualmente sublime, desapegado de bens materiais, que seria o do Grande Autor pela Literatura, ou pelo Ideal, ou por qualquer outra bela palavra grifada com inicial maiúscula.

Uma literatura, afinal, cuja sorte parece acompanhar a das trabalhadoras pobres: ou bem são ignoradas, como faxineiras em praças de alimentação de *shopping centers*, ou são segregadas por normatizações que se pretendem sutis mas que mal ocultam sua violência – como um cartaz dizendo, candidamente: “Exige-se boa aparência”.

²⁵ RONCADOR, Sônia. “Escritoras de avental: notas sobre o testemunho de uma doméstica”, *Revista de Letras*, nº 44 (2). São Paulo, 2004, p. 168.